

## INDÚSTRIA CRIATIVA DO ARTESANATO E AS RELAÇÕES ENTRE ECONOMIA CRIATIVA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: DISCUSSÕES INICIAIS

Camila Klein Severo<sup>1</sup>  
Juliana Salbego<sup>2</sup>

### RESUMO

A Economia Criativa tem apresentado maior relevância a partir das potencialidades para profissionais como os da Indústria Criativa do Artesanato. Neste contexto, é intenção deste estudo verificar o trabalho criativo em um ambiente onde as interações e colaborações se apresentam de forma alternativa ao sistema de capital tradicional, ou seja, em ambiente de Economia Solidária, tendo como objeto de estudo o Projeto Esperança/Cooesperança de Santa Maria - RS. Os questionamentos sobre como esse tipo de economia pode se relacionar com outros modelos com finalidade sociais são as conexões que dão sentido a esse trabalho de dissertação. O estudo de caráter qualitativo utiliza estratégias metodológicas como observação participante, realizada no espaço da Economia Solidária, Centro de Referência Dom Ivo Lorscheiter, durante o feirão de sábado, e entrevistas em profundidade com artesãos do Projeto Esperança/Cooesperança e público consumidor da feira, bem como pesquisa bibliográfica e documental para a compreensão dos conceitos acerca do tema. A discussão teórica ocorre a partir das perspectivas do Relatório de Economia Criativa UNCTAD (2012), de como autores como Paulo Keller (2014), Ricardo Gomes Lima (2009) sobre as questões referentes ao artesanato e John Howkins (2013) e Richard Florida (2011) sobre o arranjo da economia criativa. Sobre a economia solidária, a revisão é feita a partir da perspectiva de Singer (2002). Pudemos compreender que embora se apresente como alternativa ao modelo tradicional, a Economia Criativa está alinhada com a Economia Solidária quando segue os princípios básicos propostos pelo movimento: igualdade, autogestão e solidariedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia Criativa. Economia Solidária. Indústria Criativa do Artesanato. Projeto Esperança/Cooesperança. Consumo.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Jornalista, discente do Programa de Mestrado Profissional em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa -Unipampa, Bagé - RS. E-mail: [camila.2bee@gmail.com](mailto:camila.2bee@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora, Professora do Programa de Mestrado Profissional em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa-Unipampa, Bagé - RS. E-mail: [julianasalbego@unipampa.edu.br](mailto:julianasalbego@unipampa.edu.br).

A economia e as indústrias tradicionais estão em um momento de grandes transformações nas quais os impactos das novas tecnologias na rotina dos indivíduos e organizações vem ocorrendo de forma dinâmica. Conforme os estudos de Klaus Schwab (2019) estamos iniciando em uma quarta revolução industrial onde a digitalização e a automação se apresentam com uma velocidade exponencial de forma não-linear. Para ele, estamos vivendo uma revolução que altera além do “o que” e “como”. Neste momento estamos em transformação de “quem” somos.

Neste novo cenário, onde o digital e as inovações estão em escala crescente, a economia criativa se torna relevante ao ter como foco a criatividade e os bens culturais e simbólicos. Um arranjo onde o produto criativo tem impulsionado novos panoramas de trabalho e de vida de boa parte da população.

A economia criativa é um conceito ainda em desenvolvimento em que a criatividade é geradora para um crescimento econômico. Este modelo de economia tem apresentado maior relevância a partir das potencialidades tanto para profissionais formais quanto para os que empreendem de maneira informal. Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019), identifica que no Brasil as atividades da Economia Criativa têm sido encaradas como possibilidade em momentos de baixo crescimento econômico e desemprego. Nesta mesma linha, o relatório de Economia Criativa das Nações Unidas da UNCTAD (2012), associa a Economia Criativa como uma maneira de impulsionar a geração de renda e, assim, promover uma inclusão social.

Neste contexto, é intenção deste estudo, verificar o trabalho criativo em um ambiente onde as interações e colaborações se apresentam de forma alternativa ao sistema de capital tradicional, ou seja, em ambiente de Economia Solidária. Os questionamentos sobre como esse tipo de economia pode se relacionar com outros modelos com finalidade sociais são as conexões iniciais que dão sentido a esta pesquisa.

A Economia Solidária é uma forma de organização social e econômica onde a cooperação e a participação igualitária são vitais. Este arranjo das atividades busca ser alternativa ao empreendimento capitalista a partir de um

modo de gestão democrático de autogestão. Para Singer (2002), o modo capitalista de competição gera desigualdade e polarização e a economia solidária propõe um novo modelo de valorização do trabalho. Entre os objetivos da atividade solidária está o de ser uma outra via de consumo, com produtos de natureza sustentável. No Brasil, as primeiras iniciativas deste arranjo começaram na década de 70 em movimentos da agricultura familiar. Hoje, através de organizações sociais, conseguem englobar mais setores de produção.

Exemplo do exercício da Economia Solidária no Brasil, o Projeto Esperança/Cooesperança atua na cidade de Santa Maria com algumas ações na região. O município localizado no centro do estado do Rio Grande do Sul tem como base econômica o comércio e a prestação de serviços. Por sua posição geográfica, a cidade abriga o maior contingente militar do país com bases do Exército e da Aeronáutica. A cidade se destaca também como polo educacional. Além da Universidade Federal de Santa Maria, conta ainda com a Universidade Franciscana e mais seis faculdades privadas. Com estas particularidades, o município proporciona um ambiente favorável à interação, cooperação, troca de conhecimentos e inovação que possam causar impacto na sociedade.

Parte do Banco da Esperança da Cáritas Regional da Arquidiocese de Santa Maria, o Projeto Esperança/Cooesperança foi criado pelo religioso Dom Ivo Lorscheiter<sup>3</sup> para incentivar o desenvolvimento, consolidação e emancipação da agricultura familiar e da Economia Popular Solidária.

O Projeto Esperança/Cooesperança congrega Agricultores Familiares, Artesãos, Agroindústria Familiar, Movimentos Populares, Pastorais Sociais, Educadores/as, Ecologistas, Acadêmicos, Cooperativas, Catadores de Resíduos Sólidos, Povos Indígenas, Quilombolas, grupos Afrodescendentes, Moradores em Situação de Rua, Refugiados e Migrantes, bem como um grande público de consumidores conscientes, participativos e apoiadores. A iniciativa atende, aproximadamente, 25 mil pessoas de 34 municípios da região central do RS, organizados em 300 grupos urbanos e rurais.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Padre falecido em 2007. Referência internacional no movimento de Economia Solidária.

<sup>4</sup> Dados da entrevista realizada no dia 24 de abril de 2021, pela autora com a responsável pelo Projeto Esperança/Cooesperança, Ir. Lourdes Dill.

Para o desenvolvimento deste trabalho, escolhemos o grupo de profissionais da indústria criativa do artesanato que fazem parte do Projeto Esperança/Cooesperança. Eles podem comercializar seus produtos no Feirão Semanal, realizado aos sábados no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter. O setor de artesanato oferece um mix de produtos que contempla uma variedade de itens entre moda, brinquedos, artigos para casa, cosméticos e gastronomia. Hoje, o setor do artesanato conta com 92 profissionais do artesanato, divididos em 18 grupos.<sup>5</sup>

A atividade criativa desenvolvida pelos artesãos do Projeto Esperança/Cooesperança promove a inclusão social e a diversidade cultural, gerando renda para as famílias envolvidas. Com isso, pode ser considerada economia criativa conforme o que é descrito no relatório de Economia Criativa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (2012), que considera economia criativa os ativos criativos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento econômico.

A forma de consumo do produto artesanal pode ser relacionada às características da Indústria Criativa e dos resultados da Economia Criativa. Segundo Bendassolli, o consumo na esfera da Indústria Criativa encoraja uma reconstrução mercadológica. “Tal processo pressupõe um novo regime político-econômico de construção da identidade individual” (BENDASSOLLI; WOOD JR; KIRSHBAUM; CUNHA, 2009, p. 14).

A partir disso, consideramos que a Economia Criativa ocorre como uma proposta de mudança dos arranjos da economia tradicional a partir de uma nova perspectiva do sistema de produção, distribuição e consumo e verificar como isso perpassa na rotina dos profissionais do artesanato ligados à Economia Solidária torna-se um dos propósitos deste estudo.

Nesta pesquisa de caráter qualitativa, as relações entre economia criativa e economia solidária são observadas a partir dos profissionais do artesanato a partir de estratégias metodológicas como observação participante e entrevistas, bem como pesquisa bibliográfica e documental, a partir de fontes que permitem compreender os conceitos acerca do tema. A coleta de dados foi feita a partir de

---

<sup>5</sup> Dado fornecido pela Diretoria do Projeto Esperança/Cooesperança em 2 de junho de 2023.

um processo de observação realizado no espaço da Economia Solidária e a partir de entrevistas em profundidade com artesãos e público consumidor da feira.

## 1. INDUSTRIA CRIATIVA DO ARTESANATO

O debate sobre as Indústrias Criativas teve início na Austrália na década de 90, mas foi na Inglaterra onde se desenvolveu a partir de um mapeamento das atividades criativas uma classificação de Indústrias Criativas. A partir destas iniciativas, diferentes modelos foram elaborados para entender o que pode ser ou não parte das Indústrias Criativas.

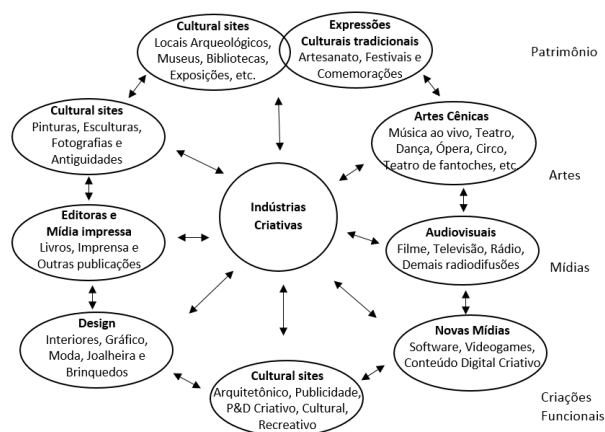
O modelo do Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido é configurado para atribuir a eles uma economia de criatividade e inovação. Neste sistema são consideradas indústrias criativas setores que produzem produtos e serviços culturais.

Com foco na cultura popular em uma perspectiva crítico-cultural, o Modelo de Textos Simbólicos separa em sua classificação em setores, Indústrias culturais centrais, Indústrias culturais periféricas e Indústrias Culturais sem distinção fixa. Em uma proposta de reconhecimento do valor cultural dos produtos culturais, o modelo dos Círculos Concêntricos traz uma organização das Indústrias Criativas a partir de Artes criativas centrais, outras indústrias culturais centrais, Indústrias culturais mais amplas e Indústrias relacionadas.

Tendo as Indústrias Criativas como parte de produtos protegidos por direitos autorais, o modelo de direitos autorais da Organização Mundial de Propriedade Intelectual posiciona as indústrias criativas como aquelas que produzem e aquelas que distribuem a propriedade intelectual.

A classificação de Indústrias Criativas elaborada pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento UNCTAD trata as indústrias criativas como um setor dinâmico. “São os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários” (UNCTAD, 2012, p. 8). Nesse contexto, na organização da UNCTAD, as indústrias criativas são divididas em quatro grupos: patrimônio, artes, mídia e criações onde é admitido interações entre os subgrupos.

**Figura 1:** Classificação UNCTAD para Indústria Criativa



Fonte: Relatório de Economia Criativa (UNCTAD, 2012, p. 8).

A figura 1 colabora para o entendimento de que as Indústrias Criativas são um setor dinâmico e que admite o cruzamento entre os componentes parte do arranjo (UNCTAD, 2012). A partir disso, vemos que as atividades criativas podem ser de características intelectuais, artísticas e de valor econômico.

O grupo Patrimônio é tido como o ponto inicial para a classificação da UNCTAD.

É o patrimônio que une os aspectos culturais dos pontos de vista histórico, antropológico, ético, estético e social, influencia a criatividade e se caracteriza como origem de uma gama de produtos e serviços patrimoniais além de atividades culturais (RELATÓRIO UNCTAD, 2012, p. 8).

Esta classe engloba aspectos simbólicos e de expressão cultural de comunidades. É dividido em dois subgrupos, Locais Culturais, onde temos sítios arqueológicos, museus, bibliotecas, exposições, entre outros, e Expressões Culturais Tradicionais, onde é parte a Indústria Criativa escolhida para esta pesquisa, o artesanato.

No Brasil, a atividade do artesanato é regulamentada pela Lei nº 13.180<sup>6</sup> de 22 de outubro de 2015. Segundo dispõe a lei, artesão é toda pessoa física, que trabalha de forma individual, associada ou cooperativada, de uma atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas ou equipamentos. Entre as diretrizes básicas que compõem a lei, é atribuída ao artesanato uma finalidade de valorização da identidade e cultura nacional.

Apesar da lei resguardar os direitos ao considerar os profissionais da área aptos a participar de possíveis políticas de apoio financeiro e de qualificação por parte do governo federal, muitos profissionais permanecem atuando de maneira informal, ou seja, sem contribuir para o órgão de previdência social e da Receita Federal. Fato este que, entre outras questões, dificulta o acesso à crédito e à comercialização dos produtos.

Sobre o processo de produção, a manualidade é questão chave para definir o artesanato. Segundo o antropólogo Ricardo Gomes Lima (2009), o artesanato é um processo de produção executado sem auxílio da tecnologia. Entretanto, segundo a lei de 2015, para ser um produto artesanal deve ser confeccionado predominantemente de forma manual, mas admite que o uso de ferramentas e equipamentos possa ocorrer com o objetivo assegurar a qualidade, segurança durante o processo de produção do produto.

Para o antropólogo Paulo Keller, o uso de ferramentas pode ocorrer, mas em pequena escala. "Ele implica a capacidade de projetar e de criar objetos a partir de elementos da cultura, bem como o domínio do fazer ou domínio do labor, domínio do plano artesanal, ou a arte do saber fazer aquele artefato em particular" (KELLER, 2014, p. 330).

A diversidade cultural de um povo ou região é representada a partir do fazer artesanal como forma de manifestação da cultura e identidade local. No Relatório Unctad (2012), o artesanato é definido como uma atividade que pode servir para a produção de utilitários e também para promover bens simbólicos culturais com referências religiosas e sociais (RELATÓRIO UNCTAD, 2012).

A prática artesanal é responsável por manter e resgatar tradições locais a fim de registrar e fortalecer a cultura de um povo ou região. A cadeia produtiva do

---

<sup>6</sup> Lei Federal. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm)

artesanato contempla a escolha da técnica, os materiais manipulados e até mesmo a forma de comercialização com características singulares e genuínas.

O fazer e criação artesanal geralmente ocorre de forma individual seguindo as inspirações do profissional a partir de uma técnica de produção que pode ser desenvolvida para um material específico ou adaptada de outras técnicas. O valor dos ativos artesanais está presente no campo da memória e cultura, podendo também gerar valor econômico.

## 2. ECONOMIA SOLIDÁRIA

O conceito acerca do arranjo de Economia Solidária foi estruturado durante o século XX, na Europa, ligado a um ideal de uma economia social baseada em atividades associativas. Na América Latina, o arranjo começa a ser debatido na década de 90 a partir da publicação do sociólogo chileno Luis Razeto sobre uma “economia da solidariedade” onde ele descreve as experiências econômicas que tenham como foco a solidariedade, cooperação e autogestão comunitária (IPEA, 2018).

Desenvolvida para ser um contraponto à lógica capitalista, a Economia Solidária começou a ser articulada como possibilidade de uma cadeia de produção de cooperação no Brasil a partir de iniciativas de cooperativismo e de agricultura familiar da década de 70.

Diversos eventos e debates sociais realizados na década de 90 colaboraram para que o modelo solidário ganhasse espaço e consolidaram o conceito. A primeira vez que o termo Economia Solidária foi publicado ocorreu no ano de 1996 em um texto do pesquisador Paul Singer, *Economia Solidária Contra o Desemprego*, no jornal Folha de São Paulo. A partir disso, o modelo de economia popular, de caráter cooperativo, com autogestão e de valores solidários foi divulgado e difundido para iniciativas de todo o país.

Os fundamentos deste modelo solidário buscam uma forma de ser antagonista ao modelo de competição pregado pelo arranjo capitalista. Para se constituir a Economia Solidária é imprescindível a igualdade. A competição é substituída pela cooperação com divisão do capital e de responsabilidade de

decisões. “A chave desta proposta é a associação entre iguais ao invés de contrato entre desiguais” (SINGER, 2002, p. 9).

Paul Singer aponta a gestão como a principal diferença entre a Economia Capitalista e a Solidária. Os empreendimentos são administrados a partir da autogestão onde as decisões ocorrem em assembleias comandadas por lideranças chamadas de delegados, também escolhidos de forma democrática.

Um dos pilares do modelo é a sustentabilidade. O relatório final da quinta edição da Plenária Nacional de Economia Solidária (2013), trata da sustentabilidade como um conceito que ultrapassa a questão da preservação ambiental. Nesse sentido, é vista no ambiente de economia solidária também como fator de desenvolvimento e referência para a produção, comercialização e consumo a partir da articulação de empreendimentos solidários e projetos com viés emancipatório.

A Economia Solidária é historicamente um movimento social de geração de renda amparado de forma efetiva por entidades ligadas à Igreja Católica, sindicatos e universidades que além de colaborar para a organização, realizam a divulgação dos preceitos deste arranjo. Os empreendimentos solidários se caracterizam como organizações coletivas, associações, cooperativas, grupos de produção, clubes de trocas, formadas por pessoas físicas ou por outros empreendimentos que promovam a autogestão das atividades e partilha dos seus de forma democrática.

Na Economia Solidária, estes são valores que ultrapassam o ideal da emancipação financeira das pessoas envolvidas que passam a vivenciar o modelo como estilo de vida. O aspecto de movimento social é forte entre os empreendimentos, trazendo temas como defesa da democracia, políticas públicas, questões raciais, diversidade, meio ambiente para a pauta dos empreendedores.

O que se espera de quem tem a decisão de adquirir um produto de um empreendimento solidário é uma ação mais consciente da responsabilidade com meio ambiente, sustentabilidade e de combate ao desperdício. Um comércio justo e ético que seja bom tanto para o quem produz como para quem consome.

### 3. ECONOMIA CRIATIVA

Um dos pioneiros a tratar sobre a relação da criatividade com a economia foi John Howkins, em 2001. Para ele, a criatividade sozinha não tem valor econômico, ela precisa ser materializada em um produto de interesse comercial para atingir uma relevância econômica (HOWKINS, 2013).

A criatividade tornou-se diferencial no setor da economia mesmo não sendo um bem que pode ser comprado e vendido. “Na economia de hoje, a criatividade é generalizada e contínua: estamos sempre revendo e aprimorando cada produto, cada processo e cada atividade imaginável, e interagindo-os de novas maneiras” (FLORIDA, 2011, p. 5).

O relatório de Economia Criativa das Nações Unidas da UNCTAD (2012), associa a economia criativa como uma maneira de impulsionar a geração de renda e, assim, promover uma inclusão social. Diante disso, podemos perceber elementos culturais e sociais sendo associados a ações que possam proporcionar crescimento e desenvolvimento econômico e social. “A economia criativa é dinâmica, proativa, fragmentada e flexível. A prática criativa funciona através de processos participativos, interações, colaborações, agrupamentos e redes” (RELATÓRIO UNCTAD, 2012, p. 37).

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019), a economia criativa “tem expressão na estrutura das classes sociais e decorre das mudanças estruturais da economia e da sociedade” (IPEA, 2019, p. 14). Desta forma, o IPEA (2019) identifica que, no Brasil, as atividades da economia criativa têm sido encaradas como possibilidade em momentos de baixo crescimento econômico e desemprego.

A Economia Criativa pode ocorrer em níveis micro e macro da economia geral, englobando empreendimentos criativos de perspectivas sociais, culturais e econômicas. “Ela pode estimular a geração de renda, criação de empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo em que promover a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano” (RELATÓRIO UNCTAD, 2012, p. 10).

Nesse cenário, a prática do consumo está relacionada a bens culturais, experiência e identidade. Ao tratar sobre as Indústrias Criativas, Bendassolli (2009) traz o consumo dos ativos criativos como parte de uma reconstrução

mercadológica. Nesse regime, o consumidor passa a ser um agente ativo dos ciclos de geração de valor econômico, a partir da construção da identidade individual (BENDASSOLLI, WOOD JR; KIRSHBAUM; CUNHA, 2009, pg 14).

#### 4. RELAÇÕES ENTRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E ECONOMIA CRIATIVA

A Economia Solidária e Economia Criativa são arranjos produtivos que se posicionam de forma diferente ao sistema tradicional capitalista. Os modelos se comportam com características particulares como modo de produção, distribuição e consumo.

Apesar dos dois tipos de economia terem como objetivo a geração de renda, a ideia de inclusão, cooperação e incentivo social pode ou não ocorrer na classe criativa. Como dito anteriormente, o movimento da Economia Solidária ainda analisa, com critério, uma aproximação com os arranjos como a Economia Criativa, por manter com rigidez o preceito da igualdade, cooperação e solidariedade.

Como pode ser explicitado no quadro a seguir, iniciativas de Economia Criativa podem ser parte da Economia Solidária, mas para um empreendimento criativo fazer parte do movimento de Economia Solidária deve ter autogestão e seguir os princípios da sustentabilidade, cooperação e igualdade.

**Quadro 01:** Características da Economia Solidária e Economia Criativa

|                    | Modo de Produção                                  | Ativo Produtivo                                   | Empreendedores                | Distribuição        | Consumo                                            |
|--------------------|---------------------------------------------------|---------------------------------------------------|-------------------------------|---------------------|----------------------------------------------------|
| Economia Solidária | Propriedade coletiva e da redistribuição da renda | Bens coletivos de caráter solidário e sustentável | Coletivo, autogestão e social | Cooperativas Feiras | Solidário sem desperdício cunho crítico e político |
| Economia Criativa  | Propriedade intelectual e                         | Tem a criatividade como                           | Classe criativa em mercado de | Pode ser ou não de  | âmbito cultural e de lazer;                        |

|  | direitos<br>autorais | principal<br>característica | trabalho<br>horizontal | responsabilidade<br>do profissional | soluções e<br>inovação |
|--|----------------------|-----------------------------|------------------------|-------------------------------------|------------------------|
|--|----------------------|-----------------------------|------------------------|-------------------------------------|------------------------|

Fonte: Elaborado pela autora

Outro critério dos arranjos importante para o desenvolvimento deste estudo são as relações de consumo na interface entre economia criativa e economia solidária. Os empreendimentos solidários são caracterizados por pequenos negócios, geralmente de efeito local. Com o objetivo de ser uma outra via de consumo, a atividade solidária tem se posicionado com produtos de natureza sustentável em ambiente que segue os valores compatíveis aos preceitos do cooperativismo.

Para verificar as relações em um ambiente onde perpassam as características dos arranjos da Economia Criativa e Economia Solidária a partir do setor de artesanato do Feirão de Sábado do Projeto Esperança CooEsperança, nos valem de estratégias metodológicas como observação participante<sup>7</sup> e entrevistas.<sup>8</sup>

Com relação ao modo de produção, pudemos perceber que os artesãos trabalham cada um com a sua produção, ou seja, cada profissional é responsável pela matéria-prima, processo e custos de produção. Entretanto, o que é comercializado no Centro de Referência torna-se propriedade coletiva na medida que os artesãos, além da taxa fixa pela locação do espaço, por semana, contribuem com o pagamento de uma porcentagem das vendas. O valor arrecadado é entregue a um caixa único entre os expositores do Feirão destinado ao acerto das despesas do espaço e melhorias. Há um reconhecimento quanto a autoria da criação dos produtos, pois os consumidores destacaram a importância do fato de serem atendidos pelo próprio produtor, ou seja, há uma ideia de propriedade intelectual da criação, mas não há, uma exclusividade nos tipos de

<sup>7</sup> Observação participante foi realizada no Centro de Referência Dom Ivo Lorscheiter, durante o Feirão de Sábado, das 9h às 12h, nos dias 3 e 17 de setembro, 15 e 22 de outubro e no dia 19 de novembro, totalizando 5 dias de observação.

<sup>8</sup> Foram entrevistados 4 profissionais do setor do artesanato, realizadas durante o Feirão de Sábado no dia 7 de janeiro de 2023. Como critério de escolha dos entrevistados, buscamos contemplar as faixas etárias com mais profissionais, 20 a 25 anos e a faixa de 60 anos ou mais.

produtos, técnicas e matérias primas vendidas neste espaço e nada que diga respeito à direitos autorais.

Sobre os ativos produtivos, identificamos que a característica sustentável da iniciativa inserida no ambiente do arranjo solidário é presente na escolha da matéria prima. Os artesãos entrevistados declararam que a coleta, tratamento e utilização de itens recicláveis é parte do processo de produção. A criatividade inerente ao fazer artesanal, é atributo forte no grupo estudado, justamente pelo fato citado acima. Produzir a partir de algo considerado por muitos como lixo, material para descarte, usando a criatividade para transformar em artesanato, ou seja, produto para a venda e como consequência gerar renda para o profissional.

A respeito dos empreendedores, entendemos que o ambiente de Economia Solidária impõe um ideal de coletividade e de igualdade. A classe criativa dos artesãos em ambiente solidário mantém as relações com base neste ideal, prezam por um mercado de trabalho horizontal como é característica da Economia Criativa, mas de forma associativa. Não trabalham em competição mantendo um sentido de parceria e apoio, até mesmo nos produtos que utilizam os mesmos materiais e técnicas. Outro fato interessante é que todos os profissionais contribuem para o acerto dos custos do espaço, de forma coletiva, dividindo os custos de maneira igualitária diferente ao que ocorre na Economia Criativa tradicional quando o empreendedor é responsável sozinho pelas despesas.

Quanto à distribuição, vemos que a Economia Solidária condiciona ao artesão estar unido em cooperação e participando de feiras, o que no arranjo criativo é mantido como livre escolha do profissional. Nesse contexto, pudemos perceber que o sentido associativo proposto no Projeto colabora com a comercialização do ativo criativo do artesanato na medida que o público consumidor é atraído ao Centro de Referência pela agricultura familiar, item de necessidade básica. Outro ponto importante sobre a distribuição é o ambiente do setor do artesanato. A criatividade e a preocupação com a estética habituais da Economia Criativa destacam o setor de artesanato com elementos que atraem o público para um consumo de um produto que pode ser considerado de segunda necessidade, supérfluo.

Sobre o consumo, entendemos que na Economia Criativa, a prática se refere ao âmbito cultural e de lazer, podendo ser atribuída a soluções e inovações. Enquanto, na Economia Solidária, a prática se caracteriza pelas atribuições sociais e políticas. Conforme os relatos acima, podemos perceber que o consumo que ocorre no setor do artesanato do Projeto Esperança/Cooesperança segue a proposta do arranjo solidário com obrigação de promover um consumo responsável, sem desperdício e a partir de um produto de qualidade e de preço justo.

Nesse contexto, podemos entender que o caráter de inovação das propostas da Economia Criativa também pode ser visto no consumo que ocorre no setor de artesanato do Projeto através do uso de matéria prima reciclável e o atributo de ser uma solução pode ser percebida através das técnicas manuais e reaproveitamento. Desta forma, o consumo deste ativo criativo condiz com as consequências necessárias para que o ativo criativo esteja em ambiente de arranjo solidário. Um consumo que promova a igualdade, solidariedade e cidadania, gere renda e que colabore para o meio ambiente, sustentabilidade e qualidade de vida.

A produção artesanal da Feira, a partir dos seus produtos, mostrou que colaborou para fortalecer a identidade de uma comunidade preocupada com o bem-estar social, meio ambiente, economia justa, de caráter singular tanto da parte dos artesãos quanto do público consumidor. O perfil de um consumidor preocupado com as relações de produção, qualidade e que valoriza o atendimento direto com o produtor, sem atravessador, assumindo um aspecto político da relação de consumo e compreensão dos resultados da ação e a busca por uma prática mais consciente.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para verificar como se constroem as relações em um ambiente onde perpassam as características dos arranjos da Economia Criativa e Economia Solidária a partir do setor de artesanato do Feirão de Sábado do Projeto Esperança CooEsperança, nos valem de estratégias metodológicas como observação participante e entrevistas, bem como pesquisa bibliográfica e

documental a partir de fontes que nos permitiram compreender os conceitos acerca do tema e relacionar os principais aspectos teóricos constitutivos da Economia Criativa e Solidária e suas conexões.

A estratégia metodológica foi realizada no pavilhão do setor de Artesanato Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter, durante o Feirão de Sábado nos meses de setembro, outubro e novembro de 2022. A experiência colaborou para que pudéssemos construir uma descrição sobre as estruturas significantes que estão relacionadas aos processos dentro do cruzamento dos dois tipos de economia.

No desenvolvimento do estudo, a partir do setor do artesanato do Feirão de Sábado do Projeto Esperança/Cooesperança pudemos perceber algumas características do artesanato brasileiro como fragilidade social e financeira. Neste contexto, os profissionais do artesanato têm no Projeto Esperança/Cooesperança uma forma de organização do setor a partir de uma iniciativa social e política que segue os princípios da Economia Solidária. Identificamos que os moldes pregados no Centro de Referência, promovem uma certa estabilidade para o artesão na medida em que oferece um espaço para comercialização a partir de contribuição que pode ser considerada simbólica em comparação a outros eventos e feiras. Além disso, conforme identificamos nas entrevistas, os profissionais ligados à Economia Solidária contam com iniciativas de formação, onde eles encontram apoio e conhecimento.

Identificamos no trabalho, que embora se apresente como alternativa ao modelo tradicional, a Economia Criativa está alinhada com a Economia Solidária quando segue os princípios básicos propostos pelo movimento: igualdade, autogestão e solidariedade.

A criatividade, característica do fazer artesanal, se mostra presente na produção, na forma de se manifestar e nas interações. O ativo criativo se materializa no ambiente solidário trazendo as especificidades da economia criativa, não apenas a partir da venda do artesanato em si, mas do ambiente como um espaço de expressão criativa. Entre os aspectos observados, verificamos uma preocupação com a estética e a busca de remeter unicidade aos produtos. Ao examinar como são as formas de venda em local de cooperação, podemos

identificar que a criatividade é argumento de venda e se manifesta em todas as fases do processo de produção como na distribuição dos produtos.

Identificamos, a influência do movimento solidário na forma como o consumo ocorre. Com a intenção de promover um consumo mais consciente de influência na rotina do consumidor, o setor do artesanato se vale dos preceitos do não desperdício, do consumo justo de cunho político e social para proporcionar um meio de renda financeira aos empreendedores solidários.

Por fim, este trabalho buscou trazer uma provocação inicial acerca das conexões entre a Economia Criativa e Solidária. Esperamos que possamos inspirar novas pesquisas sobre as demais perspectivas que podemos ter destes dois modelos alternativos de modelos de produção, distribuição e consumo.

## REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, WOOD JR; KIRSHBAUM; CUNHA. **Indústrias Criativas: definição, limites e possibilidades**. Rev. de Adm. de Emp., São Paulo, v. 49, n.1, p. 10-18, Jan./Mar 2009.

BRASIL, **Lei Federal nº 13.180**, de 22 de outubro de 2015. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm). Acesso em maio de 2021.

BRASIL, **Portaria MTE Nº 2060**. Ministro de Estado do Trabalho e Emprego, 2014.

FLORIDA, Richard. **A Ascensão da Classe Criativa**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

HOWKINS, John. **Economia criativa: Como ganhar dinheiro com ideias criativas**. São Paulo: M.Books, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Texto para discussão - A Economia Criativa sob medida: conceitos e dinamismos das classes criativas**. Brasília - Rio de Janeiro: IPEA, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Texto para discussão - O Campo de Pesquisa da Economia Solidária no Brasil: Abordagens metodológicas e dimensões analíticas**. Rio de Janeiro: IPEA, 2018.

KELLER, P. **O artesanato e a economia do artesanato na sociedade contemporânea**. Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais, João Pessoa, n. 41, p. 323-347, 2014.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e Arte Popular: duas faces de uma mesma moeda**. Brasília: Ministério da Cultura – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009. Disponível em [http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato\\_e\\_Arte\\_Pop/CNFCP\\_Artesanato\\_Arte\\_Popular\\_Gomes\\_Lima.pdf](http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf). Acesso em maio de 2021.

RELATÓRIO de Economia Criativa 2010 - **Economia criativa uma opção de desenvolvimento**. Brasília: Secretaria de Economia Criativa /Minc: São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Editora Edipro, 2019.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

## **CREATIVE CRAFTS INDUSTRY AND THE RELATIONS BETWEEN CREATIVE ECONOMY AND SOLIDARITY ECONOMY: INITIAL DISCUSSIONS**

### **ABSTRACT**

The Creative Economy has shown greater relevance based on the potential for professionals such as those in the Creative Handicraft Industry. In this context, it is the intention of this study to verify creative work in an environment where interactions and collaborations are presented in an alternative way to the traditional capital system, that is, in an environment of Solidarity Economy, having as object of study the Projeto Esperança/Cooesperança de Santa Maria - RS. Questions about how this type of economy can relate to other models with social purposes are the connections that give meaning to this dissertation work. The qualitative study uses methodological strategies such as participant observation, carried out in the space of the Solidarity Economy, Dom Ivo Lorscheiter Reference Center, during the Saturday fair, and in-depth interviews with artisans from the Esperança/Cooesperança Project and the fair's consumer public, as well as as a bibliographical and documental research for the understanding of the concepts about the subject. The theoretical discussion takes place from the perspectives of the UNCTAD Creative Economy Report (2012), from authors such as Paulo Keller (2014), Ricardo Gomes Lima (2009) on issues related to crafts and John Howkins (2013) and Richard Florida (2011) on the arrangement of the creative economy. About the solidary economy, the review is made from the perspective of Singer (2002). We could understand that although it presents itself as an alternative to the traditional model, the Creative Economy is aligned with the Solidarity Economy when it follows the basic principles proposed by the movement: equality, self-management and solidarity.

**Keywords:** Creative Economy. Solidarity economy. Creative Craft Industry. Esperança/Cooesperança Project. Consumption.

## **LA INDUSTRIA DE LA ARTESANÍA CREATIVA Y LAS RELACIONES ENTRE ECONOMÍA CREATIVA Y ECONOMÍA SOLIDARIA: DISCUSIONES INICIALES**

### **RESUMEN**

La Economía Creativa ha mostrado una mayor relevancia en función del potencial de profesionales como los de la Industria Artesanal Creativa. En ese contexto, es intención de este estudio verificar el trabajo creativo en un ambiente donde las interacciones y colaboraciones se presentan de manera alternativa al sistema tradicional del capital, es decir, en un ambiente de Economía Solidaria, teniendo como objeto de estudio la

Proyecto Esperança\Cooesperança de Santa Maria - RS. Preguntas sobre cómo este tipo de economía puede relacionarse con otros modelos con fines sociales son las conexiones que dan sentido a este trabajo de tesis. El estudio cualitativo utiliza estrategias metodológicas como la observación participante, realizada en el espacio de Economía Solidaria, Centro de Referencia Dom Ivo Lorscheiter, durante la feria del sábado, y entrevistas en profundidad con artesanos del Proyecto Esperança/Cooesperança y público consumidor de la feria, así como una investigación bibliográfica y documental para la comprensión de los conceptos sobre el tema. La discusión teórica se desarrolla desde las perspectivas del Informe de Economía Creativa de la UNCTAD (2012), de autores como Paulo Keller (2014), Ricardo Gomes Lima (2009) sobre temas relacionados con la artesanía y John Howkins (2013) y Richard Florida (2011). Sobre la disposición de la economía creativa. Sobre la economía solidaria, la revisión se hace desde la perspectiva de Singer (2002). Podríamos entender que aunque se presenta como una alternativa al modelo tradicional, la Economía Creativa se alinea con la Economía Solidaria cuando sigue los principios básicos propuestos por el movimiento: igualdad, autogestión y solidaridad.

**Palabras clave:** Economía Creativa. Economía solidaria. Industria artesanal creativa. Proyecto Esperanza/Cooesperanza. Consumo

Nome do arquivo:     INDUSTRIAS CRIATIVAS.docx  
Diretório:             /Users/leandrooliveira/Library/Containers/com.microsoft.Word/Data/Documents  
Modelo:               /Users/leandrooliveira/Library/Group Containers/UBF8T346G9.Office/User Content.localized/Templates.localized/Normal.dotm  
Título:  
Assunto:  
Autor:                 Yanic Braga  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação:       22/11/2023 16:10:00  
Número de alterações:     2  
Última gravação:       22/11/2023 16:10:00  
Salvo por:             Leandro De Bessa Oliveira  
Tempo total de edição:     2 Minutos  
Última impressão:       22/11/2023 16:10:00  
Como a última impressão  
    Número de páginas:     18  
    Número de palavras:    5.612  
    Número de caracteres:   32.912 (aprox.)